

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO

Cristiane Aita Borges

**(RE)DESCOBRINDO O BRINCAR:
REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santa Maria, RS
2021

Cristiane Aita Borges

**(RE)DESCOBRINDO O BRINCAR:
REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura (noturno), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kelly Werle

Santa Maria, RS
2021

Cristiane Aita Borges

**(RE)DESCOBRINDO O BRINCAR:
REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura (noturno), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Pedagoga**.

Aprovado em 08 de julho de 2021:

Kelly Werle, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Sueli Salva, Dr^a (UFSM)
(Avaliadora)

Santa Maria, RS
2021

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Elson Jacob Aita (in memoriam) e minha mãe Ananir de Oliveira Aita (in memoriam), ao meu esposo Jandir e aos meus filhos que amo muito e que sempre me incentivaram a seguir em frente nessa caminhada de me tornar pedagoga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus por me abençoar e guiar nesse processo.

Àqueles que ajudaram esse sonho se tornar realidade: Jandir meu esposo, meu grande amor, minhas filhas Mariana, Maiara e Vitória, meus filhos Matheus e Murilo, que me fortaleceram e estiveram sempre de mãos dadas comigo.

À UFSM, uma universidade pública de qualidade e aos professores que compartilharam seus saberes contribuindo com a minha formação.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Kelly Werle que com sua generosidade, paciência e dedicação me ajudou a potencializar o meu trabalho chegando a esse resultado.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, pelo apoio e confiança nesse processo de me tornar professora.

Aos alunos e às suas famílias, por participarem da minha construção como professora.

E a todas pessoas que, de alguma maneira, contribuíram com essa conquista.

RESUMO

(RE)DESCOBRINDO O BRINCAR: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: Cristiane Aita Borges
ORIENTADORA: Kelly Werle

O presente trabalho apresenta como tema a importância do brincar na Educação Infantil, constituindo-se a partir das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, desenvolvido na turma Pré, nível B, em uma Escola Municipal no Bairro João Goulart, realizado no segundo semestre letivo de 2019, em Santa Maria, RS. Como objetivo geral, buscou-se refletir sobre a importância das brincadeiras e das interações a partir da prática pedagógica no estágio supervisionado na Educação Infantil. Como objetivos específicos, compreender como as crianças, através das brincadeiras e das interações, produzem culturas; e refletir sobre a intencionalidade pedagógica na organização dos tempos e dos espaços para o brincar. A metodologia compõe uma análise crítico-reflexiva a partir das vivências do estágio supervisionado na Educação Infantil. Como resultados, aponto que as vivências com o meio social e cultural que as crianças têm fornecem elementos para compor o cotidiano escolar, tornando-as atores sociais e culturais. Por isso, é importante que a prática pedagógica seja planejada com qualidade, respeitando a realidade das crianças e seus interesses. Os tempos e os espaços que ofertei foram pensados a partir disso, em que ofereci diferentes materiais não-estruturados enriquecendo as interações e as brincadeiras, estimulando as crianças a criarem hipóteses, vivenciarem sua autonomia, potencializando as mais variadas experiências, aprendizagens coletivas e suas diferentes linguagens. O estágio, orientado pela Prof^a Dr^a Kelly Werle, foi fundamental, pois é o momento de diálogo entre a universidade e a escola, contribuindo para a construção da docência, possibilitando conhecer e vivenciar as múltiplas relações do dia a dia escolar, colaborando na trajetória de ser e de tornar-se professora.

Palavras chave: Educação Infantil. Estágio Supervisionado. Interações e Brincadeiras.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 BREVE APANHADO HISTÓRICO DA INFÂNCIA	11
2.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO DIREITO DAS CRIANÇAS	13
2.3. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	17
3. ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA DA PRÁTICA DE ESTÁGIO	20
3.1 ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
3.2 AS BRINCADEIRAS E AS INTERAÇÕES NO ESTÁGIO COM O PRÉ B	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca” (FREIRE, 1996, p.142)

Início minha escrita trazendo essas palavras de Paulo Freire pois definem um pouco a minha trajetória. Desde a minha infância, nas brincadeiras com minha irmã gêmea e meus primos, a preferida era de escolinha. Minha Tia Noely, já era professora nessa época e trabalhava em escola, ela incentivava nossa brincadeira. Na área dos fundos da sua casa pendurou um lindo e grande quadro verde, disponibiliza diversos materiais para nós: giz, folhas, tesouras, cola, lápis de cor e de escrever, livros de historinhas, aqueles que a imagem muda quando mexemos nele, além de cartilhas que na sua escola não usavam mais. Um dos maiores problemas era que todos queriam ser “a professora”, mas discutíamos e íamos dividindo da melhor maneira possível.

Sempre tive a certeza que eu seria “a professora”, fui crescendo e meus objetivos foram mudando, mas o desejo de estar em sala de aula com crianças pequenas sempre permaneceu. Por alguns anos ele ficou adormecido, mas não esquecido. Casei!!! O que era um grande sonho meu, casar e ter uma família! Fui cursar o magistério no ano 2000, era um curso de fim de semana, pois eu já havia feito o segundo grau, era chamado “Curso de Magistério – Aproveitamento de Estudos no Colégio Sant’Anna”, em Santa Maria - RS. Nesse período tive a oportunidade de fazer estágio remunerado, foi quando iniciou o meu contato com crianças pequenas. Durante o curso, conheci várias gurias já formadas, algumas eram professoras nas cidades vizinhas e outras estavam cursando Pedagogia. Eu me encantava com as conversas e o relato de suas experiências, então, nasceu a vontade de cursar Pedagogia.

Não consegui dar sequência aos estudos, pois na época minha filha Mariana era pequena e não podia contar com outras pessoas para cuidá-la. Hoje tenho cinco filhos: Mariana - 25 anos, Maiara - 18 anos, Vitória - 17 anos, Matheus - 12 anos e Murilo - 8 anos. Nesse processo da educação dos meus filhos, além de ser mãe, fui “professora”, auxiliando nas atividades que eram solicitadas para serem realizadas em casa, nas dúvidas, na correção de algum texto, participando de ações na escola e esses momentos me faziam refletir... Mas, o desejo de me tornar Pedagoga nunca perdi! Minha família sempre me incentivou a buscar esse sonho!! Então, na última

edição do vestibular da UFSM, minha filha mais velha, Mariana fez minha inscrição, eu achei que não teria chance, pois estava muitos anos sem estudar, havia terminado meu ensino médio em 1995. Mas, para a minha surpresa, deu certo, fui aprovada na UFSM, uma imensa felicidade para todos da minha família e principalmente para mim.

Em minha jornada acadêmica foram muitos ensinamentos, muitas vivências, dentre elas, participo do GEPLIC, Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Infância e Culturas, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Kelly Werle, em que estudamos e desenvolvemos projetos nas escolas, podendo vivenciar na prática os estudos feitos no nosso grupo. Participei, também, do projeto Encontros Formativos em Educação Musical ministrado pela Mestranda Daffiny Lemes e professora orientadora Cláudia Bellochio, que tem como objetivo a implementação da música no Estágio Supervisionado, o que me ajudou desenvolver práticas no meu estágio da Educação Infantil envolvendo a música como linguagem de aprendizagem desenvolvendo várias atividades como a confecção de instrumentos musicais com sucata, brincadeiras rítmicas que estimulam o gosto musical, despertando o gosto pelo som, ritmo e movimento. Com os estudos e os conhecimentos construídos, pude perceber e entender que minha prática pedagógica não é estanque, e que, como ser humano, agora professora, estou em constante aprendizado. Entendo que o brincar está presente em todas as fases da vida do ser humano. Com esse olhar, conduzi minha prática pedagógica em meu estágio na Educação Infantil (EI).

Durante o estágio supervisionado em Educação Infantil, procurei prezar pelo educar e cuidar, tendo um olhar atento e sensível, respeitando a pluralidade e as diferenças, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento integral das crianças auxiliando na aprendizagem e construção do conhecimento. Através das brincadeiras livres e mediadas as crianças tornam-se protagonistas, constroem sua aprendizagem e autonomia. Aos pares as crianças são protagonistas das suas práticas sociais, (re)significando seus aprendizados.

Neste sentido, o presente Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia Noturno, apresenta como tema a importância do brincar na Educação Infantil, constituindo-se a partir das experiências vividas no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, desenvolvido na turma Pré, nível B, em uma Escola Municipal no Bairro João Goulart em Santa Maria, RS. Como objetivo geral, busca-se refletir sobre a importância das brincadeiras e das interações a partir da prática pedagógica no estágio supervisionado na Educação Infantil. Como objetivos específicos,

compreender como as crianças, através das brincadeiras e das interações produzem culturas; e refletir sobre a intencionalidade pedagógica na organização do tempo e dos espaços para o brincar.

A metodologia que usarei é uma análise crítica-reflexiva que surgiu a partir das vivências do estágio da Educação Infantil, as crianças sentiram a mudança da prática pedagógica que exercia no estágio em relação a professora regente, mas isso não gerou conflito, ao contrário a professora sempre em nossos diálogos mostrava interesse e abertura para novas propostas, os espaços eram propostos e organizados a partir dos interesses da turma. Os interesses não eram os mesmos, mas elas, com os diálogos e troca de papéis, (re)significavam à sua maneira de construir seus repertórios favoritos. Os grupos se formavam de acordo com os interesses de cada um.

A seguir exibirei o capítulo com a revisão de literatura, argumentando sobre o brincar na Educação Infantil a partir de alguns autores Borba (2009), Freire (2013), Barbosa (2011), Corsaro (2011), Vygotsky (2007), Kishimoto (1994). Além dessas referências, busco embasamento em alguns documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018). No capítulo três busco refletir sobre as brincadeiras realizadas durante meu estágio, procurando analisar a contribuição do brincar e das brincadeiras na produção de cultura dentro de uma sala de aula, após finalizo expondo as conclusões.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Para revisão de literatura deste trabalho fundamentada com os estudos de Ariès (1978), irei apresentar no primeiro subcapítulo a construção da infância no seu aspecto histórico social, através da modificação da sociedade e de sua cultura a criança passou a ser vista como um ser de direitos, as políticas públicas começaram a ser pensadas em várias partes do mundo, a fim de proteger a especificidade da infância.

No segundo subcapítulo apresentarei a conquista das crianças pequenas à Educação Infantil a partir da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, BRASIL, 1990), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, BRASIL, 1998), do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, BRASIL, 1998), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2010) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017); esses avanços garantiram às crianças o reconhecimento de seus direitos, e o reconhecimento ao seu acesso e permanência na escola.

No terceiro subcapítulo abordarei o brincar na Educação Infantil como produção de cultura, a partir de Borba (2009) e Corsaro (2011), focalizando, também, a organização dos tempos e dos espaços, conforme Barbosa e Horn (2001), e Kishimoto (1994) no que se refere à potencialização das interações e das brincadeiras.

2.1 BREVE APANHADO HISTÓRICO DA INFÂNCIA

Desde a idade média a compreensão sobre infância segundo Ariès (1978) era de afastamento no âmbito familiar, social e econômico. Mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado.

A infância deve ser vista com um olhar mais profundo, são vários os fatores que contribuem para que haja determinados modos de pensar e viver a infância, a família, a escola, mãe, pai, avós participam dessa formação de forma ativa e participativa, através da convivência diária e troca de experiências.

No século XII até início do século XX, a sociedade criou conceitos e modelos para a infância, artifícios que valorizam a infância pobre e desvalida, de acordo com Ariès (1978), o sentimento sobre a infância se dá nas camadas mais nobres da

sociedade. A criança pobre ainda é esquecida, para ela o significado de infância é negado. A desigualdade vai se arrastar por um longo período. Com base no verdadeiro significado da infância a sociedade começou a buscar soluções, através dos programas sociais, assistenciais e filantrópicos tentando amenizar as injustiças feitas ao longo do período, desde a idade medieval, passando pela contemporânea, até a sociedade atual.

Ariès (1978) descreveu um perfil das características da infância a partir do século XII, no que diz respeito ao sentimento sobre a infância, seu comportamento no meio social na época e suas relações com a família. A criança era desvalorizada e frágil, ela era vista como um mini adulto, quando demonstrava independência física era inserida ao mundo adulto, não passava pela infância como nos dias atuais, sua socialização na idade média não era feita pela família e sim pela sua convivência nas atividades do mundo adulto.

A preocupação com a infância no sentido pedagógico, moral e social aconteceu na Modernidade, foi preciso um amadurecimento social para perceber a criança como um ser de direitos. Ariès (1978) afirma que devido às diferenças sociais e culturais da criança, algumas não viveram a sua infância. Assim, a partir do século XVI e durante o século XVII a preocupação com a infância fica mais efervescente, os costumes começaram a mudar, as roupas das crianças são pensadas para elas, não são mais vistas como um mini adulto, a educação é vista com outros olhos, começa a separação das crianças de classes sociais diferentes. As crianças começaram a ser educadas conforme os interesses da época, tinham que ter boas maneiras, saber regras de etiqueta. No início do século XVII, ao mudar esses conceitos sobre comportamento, a pedagogia aplicada passou a contemplar pais e educadores, não só as crianças e adolescentes. Até o final do século XVIII as escolas, centros como eram chamadas, não eram frequentadas por crianças da mesma faixa etária, tinham caráter técnico pedagógico, por isso os jovens eram quem frequentavam a escola. O ensino não se estendia a todos, pois alguns pensadores do século XVIII se propuseram a fazer uma educação diferenciada de acordo com as classes sociais, a que chamaram de primária e secundária. A política adotada pelas escolas de certa forma discriminava as crianças muito pequenas, as quais eram consideradas incapazes e fracas, principalmente aquelas pertencentes às classes baixas, justificando a entrada para a escola de forma tardia.

Ariès (1978) salienta que com o desenvolvimento do capitalismo, o uso de mão de obra infantil, foi um dos fatores que contribuíram para que essas desigualdades ficassem maiores e o valor dado às crianças eram medidos de acordo com a época e classe social. No século XIX, com o início da Revolução Industrial, a mão de obra infantil, especialmente das crianças das camadas mais pobres, foram muito exploradas e não houve controle por parte das autoridades. Isso contribuiu para um debate e para a formulação de leis e outros meios, para coibir a exploração da mão de obra infantil e, dessa forma, criar ferramentas para proteção da infância pobre e desvalida com a criação de políticas sociais.

As políticas públicas começaram a ser pensadas em todas as partes do mundo, com o objetivo de recuperar a infância. No Brasil iniciou em 1942 com a criação do Serviço de Assistência ao Menor-SAM, que abrigava menores infratores, em regime disciplinar, mas foi extinto em 1964, com o golpe militar, desde então até 1970 o debate em torno da infância passou a ser prioridade em âmbito político e social. Na década de 1980 esses debates passaram a ter importância de caráter normativo internacional. Diante desse entendimento foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), que estabelece as diretrizes no campo das políticas públicas de atendimento à criança e adolescentes, procurando assim discriminar a infância e juventude pobre, para que todos sejam reconhecidos sujeitos de direitos.

Ariès (1978) em sua obra também evidencia a concepção de infância associada às formas de intervenção social, entremeadas em práticas de regulação e controle da segregação de classes sociais, visto que os estágios da infância iniciaram nas classes mais favorecidas economicamente e os mais pobres sempre esquecidos, não muito diferente do que presenciamos nos dias de hoje.

Atualmente, no Brasil e no mundo, as diversidades encontradas em crianças e adolescentes nos mostram que conhecemos muito pouco sobre o significado da infância e suas peculiaridades. Mas, as políticas públicas foram e são discutidas e pensadas em prol das crianças mais necessitadas. A contribuição de Ariès (1978) com seus estudos sobre a infância e suas necessidades, fez com que a criança fosse vista de outro modo, ela começou a ocupar o espaço de sujeito na sociedade.

2.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO DIREITO DAS CRIANÇAS

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, fica reconhecido o direito da criança ao acesso à creche e à pré-escola, com um olhar voltado ao cuidar e ao educar de uma forma integradora, direcionada para o campo educacional, não mais vinculado à Assistência Social. Assim, a Educação Infantil ficou assegurada pela Constituição Federal de 1988, a qual fazia parte do Sistema de Ensino e das políticas públicas. Desta maneira, para Oliveira (2002, p.115):

Retomaram-se as discussões das funções da creche e da pré-escola e a elaboração de novas programações pedagógicas que buscavam romper com concepções meramente assistencialistas e/ou compensatórias acerca dessas instituições, propondo-lhes uma função pedagógica que enfatizasse o desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças.

Essa conquista foi de grande importância para o reconhecimento da Educação Infantil, legitimando a criança como um sujeito de direitos e deveres. Além disso, outras conquistas foram surgindo, como, por exemplo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, BRASIL,1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, BRASIL,1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 1999)) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2017).

Esses avanços na Educação infantil para as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, por meio da Constituição Federal de 1988 e da LDB de 1996, garantiram uma educação de qualidade, tratando a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Gomes (2009, p.46) ressalta:

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069/90), que baseado na “Doutrina da Proteção Integral”, buscou garantir e proteger direitos para criança e adolescentes previstos na CF/88, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, que também reforçou e ampliou essa perspectiva, ao tratar a educação infantil como primeira etapa da educação básica e o FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Assim pode-se notar, que com esses avanços, as crianças tiveram seus direitos reconhecidos, foram notadas como ser social e sujeito de direitos, cabe ao Estado garantir o direito de todos e é seu dever ofertar uma educação de qualidade, que

atenda as especificidades de cada criança. Fica evidenciado na Constituição Federal (1988) no seu artigo 208, inciso I e IV é dever do Estado:

I- Educação básica obrigatória e gratuita dos 04 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; IV- Educação infantil em creche e pré-escola, às crianças até 05 (cinco) anos de idade.

Com a intenção de estabelecer o direito das crianças ao cuidar e ao educar, a Resolução CEB Nº5, de 17 de Dezembro de 2009 (BRASIL, 2009), fixou novas diretrizes que apresentaram mudanças expressivas para o currículo. A criança é vista como sujeito principal no planejamento curricular e nas propostas pedagógicas.

O Art. 3º das DCNEIS (BRASIL, 2010):

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

As práticas na Educação Infantil devem ser pensadas de acordo com a realidade e os conhecimentos das crianças, possibilitando a construção de significados, garantindo os direitos individuais e coletivos, contribuindo com o desenvolvimento integral.

As DCNEIS (BRASIL, 2010) caracterizam elementos importantes para serem observados e utilizados no trabalho com as crianças, evidenciando as suas experiências, os seus saberes e as relações sociais que contribuem para a construção da identidade pessoal e coletiva. Sendo assim, as instituições educativas e os professores precisam ficar atentos às interações, às práticas cotidianas e às necessidades das crianças, para adequarem suas práticas pedagógicas, garantindo o cumprimento de seus direitos à Educação Infantil de qualidade.

Art. 4º das DCNEIS (2010). As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Com a finalidade de garantir qualidade no atendimento educacional da criança na Educação Infantil, é essencial favorecer as interações e as brincadeiras. O artigo 9º das DCNEIS (BRASIL, 2009), deixa claro que as práticas pedagógicas que

contemplam a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, assegurando as experiências para que:

[...] promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais; V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas; VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade; VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais; XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras; XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos (BRASIL, 2009, p. 4).

Ao compartilhar suas experiências, as crianças contribuem para que conheçam diferentes culturas no espaço de aprendizagem, respeitando a historicidade de cada sujeito, contribuindo para um processo de aprendizagem lúdico, desenvolvendo a autonomia em um contexto integral, respeitando o cuidar e o educar.

A BNCC objetiva estabelecer os conhecimentos que acredita serem essenciais às crianças e que essas tenham acesso e experienciem a partir do ingresso na Educação Infantil até o final do Ensino Médio, garantindo a todas os mesmos direitos, independente da região a qual pertençam.

A BNCC na Educação Infantil define seis direitos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A BNCC resgata das DCNEIS o cuidar e o educar entrelaçados no desenvolvimento da criança. As interações e brincadeiras fazem parte dos eixos da Educação Infantil proporcionando às crianças um desenvolvimento integral, sempre que as crianças brincam em pares essas relações vividas nas brincadeiras fortalecem a construção de experiências. A BNCC assegura que as crianças:

Aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017 p.37).

A criança é um ser social que age, interage, cria, produz cultura e essas relações ajudam na construção de sua personalidade. Assim, a BNCC na sua organização curricular considera as situações, as experiências concretas do cotidiano das crianças e seus saberes de suma importância na sua formação integral, como sujeito e cidadão, colaborando para a formação humana, para o exercício da cidadania e garantindo o direito de aprender. A BNCC organiza as aprendizagens nos seguintes campos de experiências em: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Nesse sentido, é importante, que a Educação Infantil ofereça espaços para que as crianças possam compartilhar a manipulação de diferentes objetos, a investigação, a pesquisa, o diálogo, a exploração de diferentes espaços aguçando o interesse e a curiosidade, para que nessas partilhas ampliem seus conhecimentos atribuindo significados.

Assim, com as mudanças sociais, culturais e políticas, o direito à Educação Infantil fica garantido por lei e essa primeira etapa passa a fazer parte do sistema educacional. A finalidade da Educação infantil está permeada por parâmetros que garantam o desenvolvimento integral, a construção da identidade, da autonomia, respeitando as suas culturas e seus múltiplos conhecimentos.

2.3. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O brincar faz parte do desenvolvimento infantil é uma das características que constituem as culturas da infância, através dele a criança recria o seu dia a dia, constrói sua autonomia, desenvolve sua criatividade, expressa-se plenamente e explora o mundo à sua maneira. O brincar pode ser individual ou aos pares, é por meio das brincadeiras que as interações acontecem favorecendo as trocas de experiências e a produção de cultura.

Segundo Borba:

[...] O brincar é um dos pilares da constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo (BORBA, 2006, p.71).

Dessa maneira, destacamos que quando a criança brinca, parece mais madura, pois entra, mesmo que de forma simbólica, no mundo adulto que cada vez se abre para que ela enfrente diversas situações. O brincar como forma de jogos ou brincadeiras ajuda no desenvolvimento da criança, ela como sujeito ativo, participativo, atribui novo significado, aprende a respeitar regras e a enfrentar os mais variados contextos.

O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprender. (VYGOTSKY, 1998, p. 81).

A brincadeira é uma forma de expressão e apropriação do mundo onde as crianças exercem suas relações. É no decorrer das brincadeiras que a imaginação flui, as estratégias começam a serem formadas, novos conhecimentos vão surgindo, o aprendizado ocorre de maneira concreta, despertando sentidos essenciais, como o sensorial, o motor e psíquico, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças. As DCNEIS para a Educação Infantil, referenciam o brincar e as interações das crianças como os eixos norteadores do currículo. Conforme esse documento no artigo 8º:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, p. 18)

Por isso, o brincar deve estar presente como prática pedagógica, ao mesmo tempo em que ele amplia o olhar das crianças para o outro e para suas atitudes e decisões, ele contribui para a exploração de maneira lúdica do mundo ao seu redor, é um dos modos de expressão onde a criança pode colocar para fora problemas, medos, angústias, decepções, desejos enfim vários sentimentos e emoções. É uma vivência que inclui o corpo, os objetos, um tempo, um espaço e o fazer.

O brincar contribui no processo de aprendizagem, as situações imaginárias favorecem para o desenvolvimento cognitivo facilitando as interações sociais produzindo cultura. Segundo Vygotsky:

[...] ainda que se possa comparar a relação brinquedo-desenvolvimento à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo proporciona um campo muito mais amplo para as mudanças quanto a necessidades e consciência.

A ação na esfera imaginativa, em uma situação imaginária, a criação de propósitos voluntários e a formação de planos de vida reais e impulsos volitivos aparecem ao longo do brincar, fazendo do mesmo o ponto mais elevado do desenvolvimento pré-escolar. A criança avança essencialmente através da atividade lúdica. Somente nesse sentido pode-se considerar o brincar como uma atividade condutora que determina a evolução da criança. (VYGOTSKY, 1991, p. 226)

Ao potencializar a brincadeira por meio de interações, oferecemos uma experiência essencial para todas as idades, particularmente para as crianças da Educação Infantil, compartilhando suas diferentes culturas as crianças vão ampliando suas referências, contribuindo para o processo de construção de conhecimentos, (re)significando suas vivências. É através das interações com os pares, nas brincadeiras, que a criança cria sua própria cultura, de modo que, é no coletivo que a criança produz sua individualidade (BARBOSA, 2007).

Por isso, cabe a nós professores (as) criarmos espaços que disponibilizem elementos de interesses das crianças, propostas que motivem e despertem o trabalho em equipe na resolução de problemas, possibilitando a construção de conhecimento e as interações sociais com os pares. Para que isso possa acontecer, é necessário observar as crianças e perceber as suas necessidades, vontades e interesses, oferecendo espaços organizados que enriqueçam suas interações e brincadeiras desenvolvendo todo tipo de conhecimento, respeitando as especificidades e as diferenças das crianças.

Barbosa e Horn afirmam:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Os espaços que irão fazer parte da rotina das crianças devem ser planejados levando em conta as diferentes necessidades e interesses, a fim de potencializar as experiências de cada uma delas, oferecendo um ambiente acolhedor, seguro, atraente e diversificado. “Planejar na Educação Infantil é organizar e alimentar o espaço e o tempo das crianças para que não percam suas características: espaço lúdico, criativo,

imaginante, político, barulhento, tal como as culturas infantis” (PINTO; SARMENTO, 1997 apud REDIN, 2012, p.25).

Nós professoras (es) temos um papel importante, devemos criar situações que permitam a exploração e a descoberta dos espaços, para assim, observar as reações e as interações das crianças, contribuindo com a modificação do espaço, trazendo a possibilidade da flexibilidade do planejamento.

3. ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA DA PRÁTICA DE ESTÁGIO

A partir da minha vivência no estágio supervisionado da Educação Infantil, vou apresentar uma análise crítico-reflexiva da minha prática pedagógica, a qual foi desenvolvida através dos conhecimentos adquiridos no Curso de Pedagogia Noturno, de observações da turma, da escuta das crianças, dos seus interesses e dos diálogos com a professora regente e minha orientadora de estágio. Segundo Luciana Ostetto (2000), a proposta do estágio deve ser organizada em forma de projeto de trabalho a ser construído no coletivo, ou seja, por todos os envolvidos na Educação Infantil.

O estágio supervisionado na Educação Infantil, foi realizado no segundo semestre letivo de 2019, com a turma do Pré B1 (5 e 6 anos), junto a 19 crianças (11 meninas e 8 meninos), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Nóbrega, localizada na Rua: João Olinto Rechia s/n, no Bairro: João Goulart, em Santa Maria/RS. É uma escola com boa infraestrutura e organização, recebe estudantes nos turnos manhã: Educação Infantil (Pré A - 4 anos) e 5º ano ao 9º ano; e no turno da tarde: Educação Infantil (Pré B 1 e 2) e 1º ao 4º ano.

A equipe da escola é formada pela diretora e vice-diretora, a coordenadora pedagógica, educadora especial, secretaria, as professoras são todas concursadas, a merendeira é terceirizada, responsável pela alimentação e cozinha, as pessoas responsáveis pela higienização dos espaços da escola também são terceirizadas. A estrutura física da escola, no seu espaço interno, há uma sala de informática e Data Show, sala de recursos multifuncionais, sala de aulas, sala dos professores, cozinha, banheiros, na área externa há uma pracinha e uma quadra.

A grande maioria das crianças da turma pertencem à comunidade local, mas há também há crianças em situação de vulnerabilidade social, provenientes de áreas de invasão (Beco da Tela e Invasão do Km3). A situação socioeconômica e educacional da comunidade, de modo geral, apresenta um bom envolvimento dos pais, eles são participativos e envolvidos nas atividades ofertadas pela escola.

O Projeto Político Pedagógico da escola orienta que o processo do conhecimento deve ter o (a) educador (a) como orientador (a) e mediador (a) do conhecimento. O (a) professor (a) deve, na sua metodologia proporcionar, fundamentado na concepção dialética de conhecimento, momentos para que efetue a aprendizagem como: apresentação de problemas, sistematização do conhecimento e busca de informação.

3.1 ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O estágio supervisionado na Educação Infantil compreende um ciclo de grande importância na formação acadêmica e profissional, já que essa vivência contribui com o processo de ser e de tornar-se professor (a) de crianças pequenas.

Cabe a nós, professores (as), compreender o contexto educativo como um lugar favorável à produção e construção de saberes, propiciando a interação e a construção do conhecimento, assegurando o desenvolvimento integral, respeitando as diferenças individuais, sociais, econômicas e culturais das crianças. Conforme Ostetto (2008, p. 127):

A necessidade de reconhecer dimensões essenciais da vida, relacionadas ao “tornar-se professor”: o contato com o novo e com o desconhecido, dentro e fora de cada um. Ao falar de estágio curricular, trago, pois, para o primeiro plano, o humano do ser e do fazer-se professor.

Tornar-se professor (a) é um processo, também, de autoconhecimento, em que tive a oportunidade de conviver com diferentes olhares sobre a educação, compartilhando histórias de vida, valores, crenças, permitindo-me agregar valores e saberes à prática pedagógica. Entendo que é necessário estar sempre procurando enriquecer as nossas vivências, para que possamos exercer uma prática pedagógica que considere as especificidades, curiosidades e necessidades das crianças, acompanhando as mudanças histórico-sociais, para isso precisamos ser questionadores (as), investigadores (as), reflexivos (as) e pesquisadores (as).

Nesse sentido, venho construindo o meu trabalho de conclusão de curso, numa metodologia que aborda a pesquisa narrativa sobre a prática, através da minha experiência e vivência no estágio supervisionado na Educação Infantil. Ao refletir sobre a minha prática pedagógica, nesse período de estágio, fui percebendo a necessidade de buscar ampliar as referências teóricas que ajudassem a conceituar e qualificar essa prática, para que eu pudesse estar atuando da melhor maneira, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças. Freire (2012) entende que devemos ser um (a) professor (a) pesquisador (a) que investiga a sua realidade:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no outro (...). Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2012, p.30).

O estágio foi um momento muito aguardado, pois é nesse contato com escola: equipe diretiva, crianças, professores, pais, funcionários e toda comunidade escolar, que pude estar por alguns dias atuando como professora, conhecendo a realidade da escola e das crianças. A universidade deu suporte ao longo da minha caminhada acadêmica, para que eu pudesse entender o contexto educativo como um espaço de produção e construção de saberes diversos. A prática pedagógica não acontece sozinha, ela se desenvolve no encontro com os outros, nas vivências, nos afetos, nas trocas de experiências. Ser e estar professora envolve uma construção contínua!

O período de observação que realizei antes de entrar em sala de aula, foi essencial para que eu pudesse planejar práticas com qualidade, conhecendo a realidade das crianças e seus interesses, desenvolvendo um trabalho pedagógico reflexivo/crítico, respeitando as particularidades, contribuindo com o desenvolvimento integral. Segundo Ostetto (2008, p.129): “É preciso aprender a ver além do aparente, a construir um olhar implicado”.

A criança é um ser único que faz parte de um contexto histórico e social, produz cultura, imagina, fantasia, cria, inventa, reinventa. Para acompanhar o desenvolvimento delas, devemos estar atentas aos processos de aprendizagem, para que eles acompanhem esse desenvolvimento, tendo em conta os seguintes elementos:

1. Observar: olhar sua criança para ver o que ela já sabe fazer e quais são suas atividades favoritas; 2. Acompanhar: juntar-se ao brincar da criança; você pode aumentar a complexidade do brincar, mas deixar a criança controlar e determinar a direção do brincar; 3. Ser criativo: redescobrir a criança dentro de si e experimentar novas formas de brincar com o brinquedo; usar o brinquedo como suporte para descobrir muitas maneiras de brincar com as crianças. (KISHIMOTO, 2010, p. 17).

Planejar os espaços foi uma preocupação minha, pois entendo a importância de ofertar várias possibilidades de organização desses espaços, oportunizando maior autonomia e participação das crianças. Ele não é neutro, a organização dos objetos possibilitou às crianças aprenderem, construindo vivências, experiências, aprendizagem coletiva e manifestando as suas diferentes linguagens. A observação diária das crianças interagindo nesses espaços propiciou a diversificação, potencializando suas explorações para as mais variadas experiências em um ambiente seguro, acolhedor e estimulante. Entendo que o planejamento é flexível, e precisa proporcionar às crianças a construção de novas hipóteses na organização espacial. Desse modo, as brincadeiras e as interações realizadas aos pares

contribuem para a construção de sujeitos ativos e participantes que se apropriam de novos elementos reinterpretando-os, construindo, assim, o que Corsaro (2011) denominou de cultura de pares.

Nesse processo de organizar os espaços e estimular a autonomia para que as crianças exerçam seu protagonismo, é importante que o (a) professor (a) atue realizando os registros e a observação desses movimentos das crianças. Por isso, a observação, o registro e a reflexão são processos importantes na prática pedagógica, a forma de registro pode variar muito como: fotografias, anotações por escrito, filmagens, gravações em áudio, as produções das crianças, portfólios, álbuns, exposições para a comunidade escolar, dentre outras. Os registros devem favorecer a criança para que seja protagonista de sua aprendizagem e proporcionar a nós pedagogas uma reflexão da prática pedagógica. Conforme Ostetto (2008, p. 21):

O exercício de registrar o cotidiano vivido com um grupo de crianças é uma aprendizagem e um grande desafio, principalmente porque o educador, para tanto, precisa necessariamente observar ações, reações, interações, proposições não só das crianças, mas sua também. Precisa ficar atento às dinâmicas do grupo, às implicações das relações pedagógicas, para ser “iluminado por elas”.

É através do registro, que nós professoras (es) podemos fazer uma reflexão em relação da intencionalidade das ações provocadas, podendo repensar a prática pedagógica junto às crianças.

3.2 AS BRINCADEIRAS E AS INTERAÇÕES NO ESTÁGIO COM O PRÉ B

A turma Pré B no segundo semestre letivo de 2019, era formada por 19 crianças, 11 meninas e 8 meninos. Elas eram solidárias umas com as outras, habituadas a compartilhar, algumas delas muito ativas e participativas, sempre que solicitadas mostravam-se disponíveis, curiosas e interessadas.

Toda a turma já frequentava a escola, as crianças se conheciam bem e demonstravam ter muitas afinidades, sendo assim estavam bem habituadas à rotina da escola. Fui muito bem recebida por elas e pela professora. Durante as minhas observações percebi que havia quatro grupinhos dentro da sala de aula, que se definiam por afinidades para realizar as atividades e as brincadeiras, a professora fazia a troca das crianças nas mesinhas quando começava algum conflito ou muita conversa.

Além disso, observei que a professora regente realizava um trabalho com as crianças voltado para a alfabetização, muito preocupada em entregar as crianças para a professora do primeiro ano quase alfabetizadas. Talvez isso decorra do fato da turma de Pré fazer parte de uma escola de Ensino Fundamental. Na sua rotina diária estava incluído a realização de trabalhinhos e sistematização do alfabeto, sobrando pouco tempo para o brincar. Elas tinham quarenta e cinco minutos duas vezes na semana para brincarem livremente na pracinha. O brincar ficava em segundo plano.

Contudo, ao conversar com a professora regente expliquei que, durante minhas observações, havia percebido a necessidade de desenvolver um trabalho com ênfase no brincar e nas interações. Falei da utilização de materiais não estruturados, ela ficou curiosa, pois disse que já tinha ouvido falar, mas não sabia o que era. Notei, também, a necessidade de incentivar as crianças a ouvir uns aos outros, cuidar do meio ambiente e perceber que o nosso corpo é muito importante para a nossa saúde, os quais constituíram temas trabalhados ao longo do estágio.

Na Educação Infantil devemos promover a formação integral em suas mais variadas dimensões: afetiva, cognitiva, corporal e social. Considero a ludicidade, as interações e as brincadeiras uma das formas que contribuem para o processo de formação das crianças.

Deste modo, no decorrer do meu estágio busquei promover as interações e as brincadeiras em consonância com as DCNEIS (BRASIL, 2010) e com os campos de experiência da BNCC (BRASIL, 2017). Ofereci espaços diferenciados com diferentes materiais e objetos, levei a mala viajante (dei esse nome para ela, dentro dela havia os mais diferentes objetos, vestidos, sapatos, óculos de sol, colares, ferro de passar roupa, cintos, lenços, chapéus, fantasias, perucas, secador de cabelo, pente, presilhas, etc), pequenos gravetos, bolachas de madeira, panelas, colher de pau, grãos de arroz, feijão, massa, caixa de papelão. Assim, fui adicionando ou substituindo os elementos à medida em que a curiosidade e os interesses das crianças mudavam. Optei por oferecer atividades para estimular a exploração, a criatividade, o desenvolvimento da fantasia, e as interações sociais.

Os espaços que eu organizava na sala de aula, antes das crianças chegarem, eram divididos, geralmente, em quatro propostas diferentes que variavam de acordo com os interesses das crianças naquela semana. Uma das propostas que eu destaco foram as explorações envolvendo os elementos da natureza como, por exemplo, a

experiência com terra, minhocas, areia, brita e medalhões de madeira, que constituíram parte de ações voltadas ao tema meio ambiente.

Nessa proposta, realizamos uma caminhada no entorno da escola, para que as crianças pudessem perceber os elementos da natureza, as ruas, as placas de trânsito, as casas e tudo que está próximo à escola. Durante a caminhada, descobrimos muitas coisas, as crianças perceberam lixo jogado na rua, ninhos de João de Barro nos postes de luz, ninhos de outros pássaros nas árvores, diferentes tipos de flores, árvores frutíferas, árvores de jardim, etc. As crianças mostraram interesse em conhecer as plantas, mexer com terra e água, então trabalhei com o tema “sustentabilidade” visando a grande quantidade de possibilidades de explorar diferentes espaços, atividades e aprendizagens, pensando na importância de conscientizar as crianças sobre a responsabilidade de cuidar do meio ambiente.

Imagem 1: Passeio nos arredores da escola.



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagem 2: Conversa após retorno do passeio.



Fonte: (BORGES, 2019).

Após a caminhada, com as crianças sentadas no chão, em círculo, no pátio da escola, convidei-as para observarmos as árvores, as flores, a grama, depois pedi para que elas fossem descrevendo o que estavam vendo. Comentei sobre os diferentes tipos de solo, questionando as crianças: Onde tem o piso/calçada podemos plantar? O que é preciso para que as plantas cresçam? E fiz outros questionamentos de acordo com as respostas e perguntas que surgiam. Disponibilizei terra, areia, brita em diferentes grupos, para que as crianças manipulassem e observassem as suas características, fazendo a mediação sempre que necessário. Deixei sementes de girassol e potinhos para as crianças que manifestassem vontade e interesse em plantar. Para que todas as crianças pudessem explorar, separei elas em pequenos

grupos, assim podia realizar um rodízio nos espaços ofertados com os diferentes materiais.

Imagens 3 e 4: Explorando a terra com minhocas no saguão da escola.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

Era gratificante ver seus olhos curiosos e atentos. Percebi que, algumas crianças, nunca haviam colocado as mãos na terra, outras contavam que ajudavam os avós a plantar e gostavam muito de mexer na terra. Contudo, algumas delas preferiram apenas observar, sem tocar na terra. Observando as reações e os diálogos, fiz alguns registros como, por exemplo, o diálogo entre Felipe e Jonathan:

Felipe: “- Uma minhoca!!!” Apontou com o dedinho para o morro de terra. Jonathan não disse nada, olhou para o morro de terra, começou a procurar com uma pazinha, quando encontrou, não hesitou em pegar. Com um movimento rápido e os dedinhos parecendo uma pinça, pegou a minhoca. Felipe disse: “- Tem uma grande e uma pequena!! Um minhocão faz ginástica!” E começou a cantarolar e pular, apesar de se mostrar feliz em ver a minhoca, observei que ele não tocou nela, não quis pegá-la. As outras crianças ficaram curiosas e pediram para fazer a troca de grupo para mexer também com as minhocas (Relatório de Estágio, 2019).

Imagem 5: Exploração da terra.



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagem 6: As crianças explorando a areia.



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagem 7: Exploração nas britas.



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagem 8: Exploração nas lascas de madeira.



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagens 9 e 10: Plantando a semente de girassol.

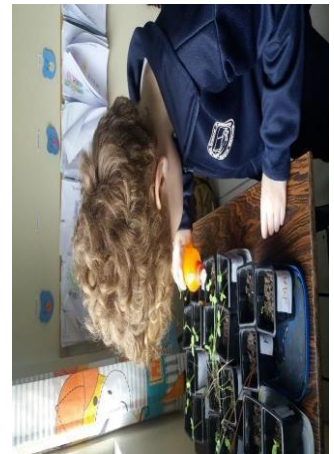


Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagem 11: Regando a semente.



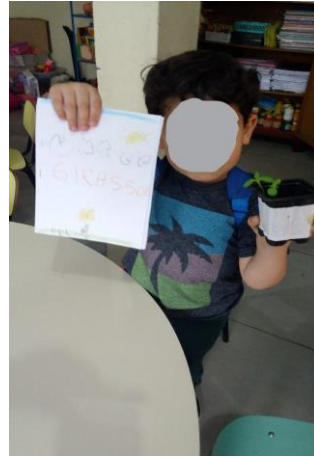
Fonte: (BORGES, 2019).

Enquanto exploravam os diferentes materiais, íamos conversando, as crianças falavam: “ Professora, na terra dá pra plantar! ”; “ Minha Vó, lá fora no sítio, planta mamão! Eu ajudo ela! ”; “ Na areia não dá pra plantar, só pra brincar! ”. Nessas interações nossas surgiu o interesse em plantar, por isso colocamos a terra, as sementes e os potinhos na sala de aula para que elas pudessem plantar, cuidar e regá-las. Assim, puderam observá-las, todos os dias, acompanhando o seu crescimento, colocando o dedinho para verificar se a terra precisava de água e fazendo o registro com desenhos, para a confecção de um livro.

Imagens 12 e 13: Livros com os registros do crescimento da semente de girassol.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

A construção do livro foi realizada de maneira livre e autônoma, no dia em que foi feita a semeadura dos girassóis, as crianças desenharam em etiquetas de papel e escreveram seus nomes para identificar seu potinho. Elas registravam através de desenhos, no dia que sentiam vontade, faziam as suas observações e em folhas A4, utilizando lápis de cor, giz de cera, canetinhas ou outro material para registrar de forma autônoma e criativa. Assim, os registros foram surgindo e arquivados até chegar no fim do processo, quando as sementinhas estavam crescidas. Então, cada criança levou para casa seu girassol com o seu livro, que confeccionamos com todos os registros.

As brincadeiras e as interações são os eixos que constituem as culturas da infância, potencializá-las na Educação Infantil é uma maneira fértil de convívio social e de aprendizagem para as crianças. Por isso, outra proposta que desenvolvi, durante o estágio, foi ofertar para as crianças espaços com materiais diversos: caixa de papelão, panelas, colheres de metal, colher de pau, concha, massa, feijão, acessórios/roupas para se fantasiar e espaço com bonecas. Esses espaços foram pensados para que as crianças explorassem e brincassem, atribuindo significado ao mundo, apropriando-se do conhecimento e recriando suas culturas.

Em resumo, o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um "eu" fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. (VYGOTSKY, 2007, p.118)

As crianças mostraram interesse em criar e explorar, sendo que as brincadeiras com os materiais não estruturados foram bem aceitas por elas. Quando levei caixas de papelão, elas criaram brincadeiras e confeccionaram casinhas. Procuravam pelas caixas todos os dias e sempre iam modificando as explorações. Em um dos dias, as meninas resolveram construir uma casa com a caixa de papelão, para isso cortaram lã para colar e fazer o telhado, depois de pronta, exploraram entrando e fechando as abas como se fosse a porta. Assim, elas iam se revezando para ficar dentro da casa e passeavam pela sala de aula de mãos dadas. Entre seus diálogos, Helena disse pra Maria: “Vamos ser irmãs! Porque elas ficam sempre juntas”.

Imagem 14: Confeção da casa com caixa de papelão



Fonte: (BORGES, 2019).

Outras meninas e meninos resolveram brincar dentro da caixa, empurrando e girando a mesma. Mas, como o espaço da sala era pequeno, uma criança entrava na caixa e as outras ficam do lado de fora, empurrando, girando e cuidando os obstáculos da sala, depois trocavam de lugar.

Imagens 15 e 16: As crianças brincando com a caixa de papelão.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

Outros materiais não estruturados também foram bem aceitos e explorados, tais como: rolos de papel higiênico, fios de lã, tampinhas de amaciante, carretel, etc. Esses materiais foram usados na criação e na construção de brinquedos, algumas crianças usaram os rolos para empilhar, construir castelos, outras enrolaram lã nos rolos.

Imagens 17 e 18: As crianças explorando e criando livremente com materiais não estruturados.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

Entendo que estimular as criações das crianças contribui para que elas possam tentar fazer o que pensam, através da elaboração de suas hipóteses irão adquirindo conhecimento, confiança e autonomia. Segundo Borba (2009, p.76):

[...] estaremos potencializando a brincadeira como experiência de cultura quando: alimentamos a imaginação das crianças por meio de diferentes formas de expressão artística, tais como a literatura (poesia, contos tradicionais, lendas, trava-línguas etc), o teatro, as artes plásticas, a música, a fotografia, o cinema etc.

Por isso, procurei disponibilizar para as crianças as mais variadas experiências, respeitando os interesses e a singularidade de cada uma, para que, à sua maneira, construíssem seu conhecimento com liberdade, autonomia, criatividade, tecendo laços de amizade.

Observando as crianças durante as suas interações nas propostas oferecidas, percebi que o mundo do faz de conta estava encantando a todos, então resolvi levar para a sala de aula a Mala Viajante. Essa mala continha vários objetos e acessórios como cintos, botas, chapéu, saias, vestidos, blusas, perucas, colares, óculos, fantasias, lenços, ferro de passar roupa, acessórios de salão de beleza, etc. As crianças se produziam, brincavam livres, criando e interagindo umas com as outras.

Imagens 19 e 20: Explorando a mala viajante.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

Imagens 21, 22 e 23: As crianças explorando e criando com elementos da Mala Viajante.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

As crianças escolhiam os objetos da Mala Viajante e, assim, surgiu a brincadeira de salão de beleza. Nessa brincadeira, que pode ser observada nas fotos, tinha a cabeleireira, a auxiliar de cabeleireira, a recepcionista que atendia as ligações para agendar os horários e fazia a recepção das clientes. Sentindo a necessidade de realizar o pagamento no salão, as crianças resolveram confeccionar o dinheiro, então, pediram-me papel, tesoura, canetinha e algumas utilizavam o cartão de crédito.

Além disso, as fantasias, as roupas e os diversos objetos da Mala Viajante serviram de inspiração para as interações e as brincadeiras das crianças, as quais imaginavam festas, brincavam de heróis, criavam personagens e histórias.

Imagens 24 e 25: Crianças brincando de salão de beleza.



Fonte: (BORGES, 2019).



Fonte: (BORGES, 2019).

A Mala Viajante surgiu da necessidade de ter onde transportar os diversos materiais e objetos durante a realização do estágio supervisionado e das inserções. A ideia veio da colega Lilian Pomina, agora já formada Pedagoga, nós participávamos do GEPLIC e ela já havia feito seu estágio na Educação Infantil. Então, nas nossas trocas de experiências e vivências, nesse grupo, ela contou que utilizou a mala nas suas aulas e que foi significativo para as crianças. Os objetos e os materiais foram adquiridos por doações e alguns ela havia feito um garimpo em sua casa e os colocados na mala. Assim, ela ofereceu para quem quisesse utilizar e disse que poderíamos colocar outros objetos e materiais. Eu fiquei bem curiosa e empolgada, sendo assim, pedi a mala emprestada para utilizar na minha inserção e no meu estágio da Educação Infantil e acrescentei alguns objetos.

Depois que apresentei a Mala Viajante para as crianças, tive que incluí-la no meu planejamento todos os dias, pois foi muito requisitada pelas crianças. Uma colega solicitou o empréstimo da mala para usar no seu estágio também. Então, no dia que eu estava saindo com a mala, as crianças disseram: “ Ah professora, tu vai levar a mala embora? Não é pra levar! A gente gosta muito de brincar com ela ”. Expliquei que ela iria viajar para outra escola, onde havia outras crianças esperando por ela, mas que ela iria voltar para nossa sala de aula. E, de fato, essa mala viajou para muitas salas, muitas crianças, muitas escolas e cada uma que carregava a mala ia contribuindo de uma maneira diferente. Assim, as explorações das crianças eram enriquecidas com muita diversidade de objetos e materiais, favorecendo a novas descobertas e criações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi elaborado com o propósito de refletir sobre as brincadeiras e as interações potencializadas durante meu estágio na Educação Infantil, procurando analisar a contribuição das mesmas na produção de culturas junto com as crianças do Pré B, refletindo sobre a intencionalidade pedagógica na organização dos tempos e dos espaços para o brincar.

Para potencializar as interações e as brincadeiras, os tempos e os espaços foram pensados de maneira a favorecer o desenvolvimento da autonomia constituindo-se como acolhedores, seguros e estimulantes para todas as crianças, respeitando a singularidade de cada uma. Elas interagem umas com as outras através das falas, dos olhares, dos gestos, do toque, do silêncio, da linguagem corporal, da imaginação, resultando no que Corsaro (2011) chama de produção de cultura de pares.

O brincar e as interações conforme as DCNEIS (2010) foram eixos norteadores que busquei seguir no estágio da Educação Infantil, os quais enriquecem a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças. Através do brincar e das interações as crianças experienciam diversos aspectos e descobrem como lidar com seus sentimentos e suas emoções.

Durante meu estágio as crianças puderam interagir, experimentar, imaginar, criar, construir com autonomia e liberdade suas brincadeiras, favorecendo as relações sociais. Através do brincar as crianças fizeram descobertas que levaram ao aprendizado. Dessa maneira, as interações e as brincadeiras despertaram as crianças para um universo de sentidos e ações, favorecendo o imaginário, o que contribuiu para que elas expressassem seus sentimentos, suas diferentes culturas e interpretações do seu dia a dia.

O que vivenciei no meu estágio foram crianças criativas, compartilhando e produzindo culturas, criando e reinventando o mundo, construindo regras, interagindo socialmente, comprovando a importância do brincar para o desenvolvimento integral na Educação Infantil.

O registro das ações feitas pelas crianças e por mim foram essenciais para que eu pudesse ter a compreensão do que se faz e para que se faz, visto que as experiências e vivências vão construindo a história delas. Os registros foram feitos por

meio de fotos, vídeos, anotações, e foi através deles que a reflexão acerca da minha intencionalidade pedagógica ajudou a potencializar a aprendizagem das crianças.

Ao realizar o estágio, percebi que estamos, constantemente, em um processo de reflexão das observações e das práticas educativas realizadas, podendo flexibilizar e modificar o planejamento. Através do estágio pude (re)significar os saberes construídos ao longo do curso e fazer reflexões sobre a minha prática. Foi muito importante vivenciar o dia a dia da Educação Infantil, essas trocas enriqueceram meus conhecimentos e me possibilitaram a articulação entre teoria e prática, a qual guiou todo o processo de formação docente no estágio.

Sendo assim, o estágio supervisionado constitui-se em uma oportunidade em que eu pude realizar e analisar minha prática pedagógica, podendo contribuir para o crescimento de todos, de maneira a agregar valores, estando atenta as indagações, as curiosidades, as perguntas das crianças, estando sempre pesquisando e me atualizando.

Destaco, também, as trocas realizadas com a professora regente da escola, que apesar de não trabalhar com materiais não estruturados, mostrou interesse em saber mais. Eu ofereci material de leitura sobre o assunto, ela aceitou, gostou e disse que iria começar a trabalhar com as crianças ofertando espaços e materiais não estruturados. O estágio é um processo de troca, foi muito gratificante poder contribuir também com a professora, aprendemos uns com os outros. Felizmente, ela me deu abertura para desenvolver meu trabalho tendo como princípio o brincar e as interações.

Com os estudos no GEPLIC, orientados pela Prof.^a Dr.^a Kelly Werle, pude vivenciar na teoria e na prática com as crianças da Educação Infantil as suas diferentes culturas, suas múltiplas linguagens e o seu desenvolvimento integral através do processo de planejamento e implementação dos ateliers pedagógicos. Desenvolvi um olhar sensível e observador às culturas infantis que utilizei durante minha prática pedagógica.

Dessa maneira, como futura pedagoga, considero-me um elemento importante nesse processo, como mediadora e construtora na construção da identidade de cada criança, contribuindo para o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades, sendo um momento único, de trocas, em que ambos aprendemos.

Foi muito gratificante viver esses momentos com a turma do Pré B, receber o carinho das crianças, dos pais, da professora regente, podendo contribuir com o processo de aprendizagem de todos. Com isso, percebi através do estágio que teoria

e prática pedagógica devem andar juntas, favorecendo a reflexão da docência e a construção da prática profissional como educadora. Desempenhar minha atividade na Educação Infantil, fez compreender a diversidade de infâncias e suas diferentes culturas, as quais se entrelaçam criando novas formas de pensar e vivenciar o mundo a que pertencem.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas**. Educação e Sociedade, v. 28, p. 1059-1083, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BORBA, Ângela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia. **Educação Infantil: Cotidiano e políticas**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Docência em formação na educação infantil: fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- REDIN, Marita M. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre, RS: Mediação 2014.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.).

Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginários e culturas da infância.** Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho Portugal, 2002. Disponível em: <www.cedic.iec.uminho.pt

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças - contextos e identidades.** Portugal, Centro de estudos da criança: Editora Bezerra 1997.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.